

OS MISTÉRIOS DE ENOLA HOLMES

— O Caso —
da Senhorita
Canhota



NANCY SPRINGER

novo século®



O caso da senhorita canhota



Nancy Springer



O caso da
senhorita canhota



novo século*

The case of the left-handed lady: an Enola Holmes Mystery
Copyright © 2007 by Nancy Springer
First Published in the United States of America by Philomel Books,
A division of Penguin Young Readers Group, 2007
This Sleuth edition published by Puffin Books,
A division of Penguin Young Readers Group, 2008
All rights reserved
Copyright © 2010 Novo Século Editora Ltda.

Produção Editorial: Novo Século
Capa: Rodrigo Valpassos
Tradução: Paulo Ferro Jr.
Preparação: Cátia de Almeida
Diagramação: Diego Cortez
Revisão: Ana Cristina Teixeira e Renata Del Nero
Diagramação para ebook: Janaína Salgueiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Springer, Nancy
O caso da senhorita canhota / Nancy Springer ;
tradução Paulo Ferro Jr.. -- Osasco, SP : Novo Século Editora, 2010.
Título original: The case of the left-handed lady
ISBN 978-85-767-9299-4
1. Ficção norte-americana I. Tí
09-13164 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

2010

Proibida a reprodução total ou parcial.
Os infratores serão processados na forma da lei.
Direitos exclusivos para a língua portuguesa cedidos à
Novo Século Editora Ltda.
Rua Aurora Soares Barbosa, 405 – 2º andar
Osasco – SP – CEP 06023-010
Tel. (11) 3699-7107
www.novoseculo.com.br
atendimento@novoseculo.com.br

Para minha mãe



Eu sabia que ia morrer...



Continuando minha caminhada, eu mesma tremia por causa do frio. E por causa do medo. Atenta.

A cantoria desajeitada e bêbada de alguns homens da rua próxima flutuava direto para meus ouvidos. Um bar ainda aberto? Eu imaginei se isso era permitido. Com certeza as autoridades...

Minha atenção se desviou e só notei uma presença atrás de mim quando já era muito tarde.

Um som baixinho, talvez o barulho do couro do sapato contra a lama congelada e as pedras esmagadas da rua; talvez o silvo de uma respiração maldosa. Exatamente quando abri minha boca para gritar, quando ia me virar, alguma coisa me segurou pelo pescoço.

Alguma coisa que eu não podia ver, atrás de mim.

Terrivelmente forte.

Segurando firme, apertado.

Não era humano. Algo – algum tipo de arma fina e longa – apertava agudamente o meu pescoço, e eu não conseguia pensar, e, menos ainda, pegar minha adaga. Minha única reação foi derrubar a lanterna quando ergui minhas mãos para segurar a coisa – seja lá o que fosse – que apertava meu pescoço, mas eu já começava a sentir falta de ar, meu corpo se agitava de dor, minha boca se abria em um grito sem voz, minha visão se tornava escura, e eu sabia que ia morrer.



Londres, janeiro de 1889



– Não estaríamos nesta situação deplorável – declarou o mais jovem e alto dos dois homens no pequeno salão do clube – se você não tivesse tentado metê-la em um colégio interno! – altíssimo e tão magro que quase chegava a ser esquelético, pisando o chão com suas botas negras, calças negras e fraque negro de cauda, ele mais parecia uma garça negra.

– Meu caro irmão – disse, confortavelmente sentado em uma enorme poltrona estofada de marroquim, o mais velho, um homem grande que levantou as sobrancelhas grossas como uma cerca viva –, tal comportamento amargo não condiz com sua personalidade – disse, placidamente, pois está em seu ambiente, em seu clube, mais especificamente em sua própria sala particular de reunião. Esperava ansiosamente por um excelente jantar de filé assado, enquanto continuava dizendo a seu jovem irmão num tom gentil: – Já que é inegável que a garota tola esteja, por conta própria, nesse imenso caldeirão de cidade e já deve ter sido roubada e destituída, ou pior, ferida em sua virtude, você não deve se deixar envolver emocionalmente no problema.

Como não? – o homem alto se volta para lhe lançar um olhar de falcão. – Ela é nossa irmã!

E a outra mulher desaparecida é nossa mãe... e quanto a isso? Você vai ficar xeretando como um vira-lata no canil para encontrá-la? Se você quer culpar alguém – completou o homem sentado, cruzando as mãos sobre sua larga barriga é para mamãe que deve direcionar sua ira. E como pessoa amante da lógica, enumera suas razões.

Foi sua mãe que deixou a menina crescer solta, vestindo calças largas, andando de bicicleta em vez de lhe fornecer instruções e educação apropriadas. Foi sua mãe que desperdiçou seus dias pintando flores enquanto nossa irmã se pendurava em árvores. E foi

sua mãe que deu sumiço no dinheiro que deveria pagar governanta, professor de dança, costureiras etc. para a jovem; e foi sua mãe que, para terminar, abandonou a garota.

No aniversário de quatorze anos dela – resmungo o homem magro.

Aniversário ou qualquer que fosse o dia, qual é a diferença? – reclama o irmão mais velho, que começa a ficar cansado do assunto. – A mamãe é quem abdicou da responsabilidade, até que chegou ao ponto da deserção e...

E então você impôs sua vontade sobre uma garota com o coração machucado, ordenando que ela deixasse o único mundo que conhecia e que ruía sob seus pés...

– A única maneira racional de transformá-la em alguma coisa parecida com uma jovem mulher decente! – interrompeu

o irmão mais velho com aspereza. Você, entre todas as pessoas, deveria ver a lógica...

– A lógica não é tudo...

– Certamente esta é a primeira vez que eu ouvi você dizer algo assim! – Já não estava mais plácido e confortável. O homem grande havia-se sentado para frente em sua poltrona e tinha suas botas, cobertas com polainas impecáveis, plantadas no chão de tábuas. E exigiu saber:

– Por que você é tão... tão tomado por emoções, tão afetado? Por que localizar sua irmã rebelde e fugitiva é tão diferente de qualquer outro pequeno problema...

Porque ela é nossa irmã!

Tão mais jovem que você e que a viu somente duas vezes em sua vida. O mais alto, com cara de águia, continuava de pé impaciente.

Uma vez já teria sido o suficiente – sua voz rápida e afiada estava mais devagar e macia, mas ele não olhava para seu irmão; em vez disso, parecia olhar para além das paredes de carvalho da salinha do clube, para algum lugar (ou tempo) distante. E disse:

Ela faz com que me lembre de como eu era nessa idade, todo nariz e queixo, tolo, esquisito, simplesmente não me encaixava em nenhum...

Besteira! Não faz sentido! – de uma vez, o irmão mais velho colocou um ponto final em tal lenga-lenga. – Absurdo! Ela é uma mulher. Seu intelecto é inferior, ela precisa de proteção... não tem como comparar.

Franzindo a testa como um estadista, ele acalmou o tom de modo a recuperar o controle.

– Tal questionamento de eventos passados não serve a nenhum propósito útil, a única pergunta racional agora é: o que você propõe para a encontrarmos?

Com um aparente esforço de vontade, o homem alto tirou seus olhos cinzentos de sua vista distante e os focou em seu irmão. Depois de uma pausa, ele simplesmente disse:

Eu tenho um plano.

Não esperava menos. Poderia dividir seu plano comigo? Silêncio. Ajeitando-se na poltrona, o irmão mais velho abriu um sorriso fino.

– Você tem que manter sua cota de mistério, hein, Sherlock?

O irmão mais jovem, também conhecido como o grande detetive, encolheu os ombros, agora com modos tão frios como os do irmão mais velho.

– Não há utilidade nenhuma em lhe contar nada neste momento, meu caro Mycroft. Se eu precisar de sua assistência, fique tranquilo que o chamarei.

Então, qual é o motivo de sua visita esta noite?

Para dizer o que eu pensava de uma vez.

– Tem certeza que é seu pensamento falando, meu caro Sherlock? Para mim, parece que seu processo mental precisa de disciplina. Você deixou seus nervos tomarem conta de você. Parece exausto.

– Uma condição preferível, acho, a não parecer estar nem um pouco cansado – com um ar de despedida, Sherlock

Holmes pegou seu chapéu, suas luvas e sua bengala e, então, virou-se para a porta. – Boa noite, Mycroft.

– Meus desejos de sucesso para seu plano, meu caro Sherlock.
Boa noite.



Capítulo primeiro



Com um choque de perplexidade, li o cartão trazido para mim em uma bandeja de prata pelo pequeno entregador.

– Dr. John Watson M.D.

Falei o nome em voz alta para me assegurar de que estava vendo corretamente, pois não conseguia acreditar que ele, entre todas as pessoas, seria meu primeiro cliente a entrar no recém-aberto – janeiro de 1889 – e único escritório de Londres, e do mundo, de vidência científica.

Dr. John Watson? John é um nome bastante comum, mas Watson? E um médico? Tinha que ser, mas ainda assim eu não queria acreditar.

É quem estou pensando, Joddy?

Ah, como posso saber, senhora?

– Joddy, já te disse antes, você tem que se dirigir a mim como srta. Meshle. Senhorita Meshle – revirei os olhos. Mas o que eu podia esperar de um garoto cuja mãe deu o nome de Jodhpur (o escrivão escreveu Jodper errado na hora do registro) porque o nome, usado para nomear calças de montaria, soava-lhe gentil? Era o respeito que Joddy sentia por meu olhar sério e por minhas mangas largas que o fazia me chamar de “senhora”, mas ele não podia já que as pessoas começariam a fazer perguntas. Eu queria que meu jovem ajudante tivesse respeito, o que fazia com que ele não se desse conta de que eu era uma mera garota não muito mais velha do que ele, porém queria que ele parasse e desistisse do “senhora”.

Mais calmamente, lembrando-me de ficar atenta ao tom aristocrático de meu sotaque, perguntei a ele:

Você já disse ao cavalheiro que o dr. Ragostin não está?

Sim, senhora. Quer dizer, sim, srta. Meshle.

O escritório de vidência científica trazia o nome de um dr. Leslie T. Ragostin, porque um cientista tem que ser um homem. Mas “dr. Ragostin” nunca estaria no escritório, porque ele – o tipo de doutor com Ph.D. – não existe, exceto em minha cabeça, apesar das placas e dos cartões que eu coloquei em lojas, quiosques, bancas de frutas, salas de leitura e onde mais eu consegui colocar.

– Então convide o dr. Watson para entrar em minha sala, eu verei no que poderei lhe ser útil.

Joddy saiu correndo. Ele parecia mais inteligente do que era: todo “arrumadinho”, com fitas nos punhos das mangas e, descendo pela lateral das calças, luvas brancas, um chapéu listrado que mais parecia um bolo em miniatura em cima da cabeça – mas por que não? A maioria dos uniformes são mesmo absurdos.

No momento em que ele desapareceu pela porta, eu me afundei na cadeira de madeira atrás de minha mesa. Meus joelhos tremiam tanto que minhas anáguas de seda faziam barulho. Respirei fundo, fechei os olhos por um momento e tentei me lembrar do rosto de minha mãe. Junto a sua imagem, eu quase podia ouvir sua voz:

– Enola, você vai se sair muito bem sozinha.

Esse exercício mental teve o efeito desejado. Mais calma, eu abri os olhos a tempo de ver Joddy mostrando a entrada para o dr. Watson, na salinha que servia de sala de espera.

– Dr. Watson, sou a secretária do dr. Ragostin, srta. Ivy Meshle – disse, levantando-me e estendendo a mão para o visitante, vendo exatamente aquilo que esperava ver de seus escritos: um cavalheiro inglês parrudo, não muito rico, mas definitivamente pertencente à classe dos bem-educados; com um rosto vermelho, olhos bondosos e uma leve inclinação por causa de seu tamanho.

E eu tinha esperança de que ele me visse como eu queria que ele visse: uma jovem trabalhadora convencional com um broche de rosa centralizado na frente do vestido, usando brincos igualmente horríveis e, em geral, muito ornamentada com bijuterias baratas que

imitam coisas caras (tão absurdas quanto uniformes) e na moda. Uma garota normal, cujos belos cachos não são dela mesma, pois pertenceram, provavelmente, a uma caipira bávara. Mesmo respeitável, é uma jovem moça que não tem boas maneiras, cujo pai deve ter sido um artesão de selas ou um balconista de taverna. Uma garota mais preocupada em conseguir um marido. Isso pelos méritos do já mencionado broche, mais um belo colar, muitos laços e uns enfeites bem óbvios no cabelo. Se eu tivesse criado toda essa impressão, meu disfarce seria um sucesso.

– É um prazer conhecê-la, srta. Meshle – o dr. Watson já havia retirado o chapéu e, como é apropriado, esperou apertar minha mão antes de retirar as luvas e entregá-las, junto a sua bengala, ao garoto. – Por favor, sente-se – disse indicando uma das poltronas. – Temos que andar muito bem aquecidos. Está terrivelmente frio lá fora, não é?

– Pavorosamente. Nunca vi o Tâmis tão congelado, dá para patinar em cima dele – enquanto falava, ele esfregava as mãos e as estendia na direção do fogo. Apesar dos esforços, a sala não estava aquecida o suficiente e, por isso, pedi ao visitante que se sentasse em nossa confortável poltrona estofada. De alguma forma, o frio e a umidade não me incomodavam tanto antes de vir para Londres, onde eu já havia visto um mendigo – ou os restos humanos de uma pessoa – congelado na rua. Ajeitando-me na desconfortável cadeira de madeira atrás da mesa, apertei mais o xale em cima dos ombros, esfreguei minhas mãos – apesar das luvas de tricô quênão cobriam meus dedos – e peguei um lápis e o caderno de anotações.

– Sinto muito, dr. Watson, que dr. Ragostin tenha saído. Tenho certeza de que ele ficaria muito feliz em conhecê-lo. Você é o mesmo dr. Watson que é sócio de Sherlock Holmes, não é?

– Sou eu – educado, na verdade bem humilde, ele virou o rosto para mim enquanto falava. – E é em nome do sr. Sherlock Holmes que eu estou aqui.

Meu coração começou a bater tão forte que tive medo de que meu visitante escutasse. Eu não podia mais me perguntar qual foi o

feliz – ou infeliz – acidente que trouxe esse conhecido homem até aqui.

Aqui, para se consultar com o único profissional do mundo que encontra coisas, e pessoas, perdidas.

Mas eu tentei soar apenas educada, com o sotaque certo da classe média, com a pitada certa de eficiência e servilismo.

– É mesmo? – falei fingindo que tomava notas, e perguntei – Qual é a natureza do problema do sr. Holmes?

– Tenho certeza de que você entenderá, srta. Meshle, que eu prefiro esperar e falar em particular com o dr. Ragostin. Eu sorri.

E tenho certeza de que você entenderá, dr. Watson, que eu fui encarregada de lidar com as preliminares, conservando, assim, o valioso tempo do dr. Ragostin. Eu sou uma agente autorizada pelo dr. Leslie Ragostin, mas não para agir, claro... emendei essa nota para aliviar sua natural desconfiança nas mulheres. – Mas normalmente eu sirvo de olhos e ouvidos para ele, assim como você faz para o sr. Sherlock Holmes – completei elogiando-o, mas tentando não soar assim.

Tentando não mostrar o quanto eu implorava: Por favor. Por favor, eu tenho que saber se eu adivinhei corretamente o motivo que lhe trouxe aqui.

– Hum, sim – disse dr. Watson, incerto. – Realmente.

Ele realmente tinha olhos gentis, ainda mais quando estava preocupado.

– Mas não tenho certeza, pois o assunto é bem delicado, sabe. Holmes não sabe sobre esta visita.

Mas meu irmão não havia mandado ele aqui? Meu coração se acalmou de alguma forma, mas começou a doer. E estupidamente eu disse ao dr. Watson:

– O senhor pode contar com minha mais completa discrição.

Certamente. Claro – e assim, como se de alguma forma a diminuição de meu interesse o houvesse induzido, uma alma

preocupada a se aliviar para mim, ele segurou os braços da poltrona e começou sua narração.

Sem dúvida, sabe que trabalhei por muitos anos com o sr. Sherlock Holmes no começo de sua impressionante carreira, mas como agora sou casado e pratico a medicina, eu o vejo me-nos do que antes. Mas não pude deixar de notar, entretanto, que desde o verão passado me parece um pouco atormentado e, no passar dos últimos meses, certamente transtornado; tanto que ele não vem se alimentando apropriadamente, não tem dormido, e eu estou preocupado com ele não apenas como amigo, mas como médico. Ele vem perdendo peso, sua cor não está muito saudável e tem-se tornado ainda mais melancólico e irritável.

Muito ocupada anotando tudo isso para o “dr. Ragostin”, eu podia ficar com a cabeça abaixada por cima da mesa e assim o dr. Watson não conseguiria ver meu rosto. Uma coisa boa, pois tenho certeza de que meu desalento se mostraria visível. As lágrimas se formaram em meus olhos. Meu irmão, modelo a ser seguido de mente fria e lógica, transtornado? Incapaz de comer ou dormir? Eu não tinha ideia de que ele era capaz de sentir uma tristeza tão funda. Ainda mais por minha causa.

O dr. Watson continuou.

– Apesar de minhas repetidas indagações a respeito do que o incomoda, ele nega estar passando por qualquer dificuldade. Ontem, quando eu insisti em questioná-lo, ele mudou seu temperamento, saindo totalmente de seu usual autocontrole, tornando-se, de fato, tão irracional que eu senti que deveria tomar alguma providência, quer ele goste ou não, para seu próprio bem. Portanto, procurei o irmão dele, o sr. Mycroft Holmes...

Percebi que Ivy Meshle não devia saber nada sobre o irmão de Sherlock Holmes. Portanto, eu o interrompi:

– Como se soletra o nome dele, por favor?

É um nome bem esquisito, não é? – Watson soletrou para mim, passou-me o endereço de Mycroft em Londres, e então continuou.

Depois de alguma hesitação, Mycroft Holmes me explicou que ele e Sherlock Holmes tiveram o azar de serem incapazes de encontrar a mãe deles. E não foi apenas a mãe que sumiu sem deixar rastro, mas também a irmã mais nova. Dois membros da família, a única família que lhes restou, na verdade, haviam sumido.

Que terrível – murmurei mantendo os olhos abaixados. Eu já não me sentia inclinada a chorar, em vez disso, eu queria sorrir. Na verdade, eu queria levantar o nariz para o meu sempre-irmão-mais-velho Mycroft que queria me transformar em uma jovencinha afetada. Achei bem difícil manter uma expressão completamente concentrada enquanto interpretava o papel de alguém que não sabia nada desse assunto.

– Sequestro? Dr. Watson balançou a cabeça.

– Não houve nenhum pedido de resgate. Não, elas fugiram.

– Chocante – lembrei-me de me manter ignorante. – Elas fugiram juntas?

– Não! Separadamente. A mãe sumiu no último verão, e a garota fugiu seis semanas depois, pois seria mandada para o colégio interno. Ela se foi sozinha. E acredito que esse é o motivo de Holmes ter tomado o assunto de maneira tão emocional. Se a garota estivesse com a mãe, sabe, ele não aprovaria, mas saberia que sua irmã está a salvo. Entretanto, parece que a garota, que ainda é apenas uma criança, viajou totalmente sozinha para Londres!

– Uma criança, você disse?

– Meros quatorze anos de idade. Mycroft Holmes me disse que ele e seu irmão têm razões para acreditar que a garota tem acesso a uma quantia considerável de dinheiro... Eu endureci, sentindo uma punhalada de ansiedade: por qual motivo na terra eles achavam isso?

– ... e eles temem que ela esteja disfarçando-se como um jovem cavalheiro desocupado...

Eu relaxei, pois nada podia ser menos verdade. Eu esperava nunca ter que chegar ao clichê teatral de me disfarçar de homem.

Apesar de que não me limitava a ser apenas Ivy Meshle.

– ... e assim pode estar expondo-se a influências decadentes – dr. Watson dizia – e se pode ver presa a uma vida de pouca reputação.

Pouca reputação? Eu não tinha a mais vaga noção do que ele estava falando, mas era meu dever anotar tudo.

– Os senhores Mycroft Holmes e Sherlock Holmes têm algum motivo para pensar isso? – perguntei.

– Sim. A mãe era, ou é, uma das sufragistas mais determinadas, e a garota por si própria tem, infelizmente, maneiras muito pouco femininas, pelo que parece.

– De fato, muito triste – disse falsamente, olhando para ele com a cabeça ainda abaixada, abanei os cílios postiços e sorri discretamente com os lábios pintados. Na verdade, ha-via usado um toque de uma substância de reputação duvidosa chamada *rouge* sobre todo o rosto para mudar sua cor, daquele tom aristocrático para um mais rosado, mais caloroso e mais comum.

– Você pode fornecer ao dr. Ragostin uma foto da garota?

– Não. Tampouco da mulher. Pelo que parece as duas sempre evitaram ser fotografadas.

– Mas por quê?

Ele suspirou, e sua expressão facial se tornou, pela primeira vez, um pouco menos bondosa.

– Como parte dos planos delas de agirem de modo contrário ao que reza as leis da natureza feminina, eu suponho.

–Você pode me dar os nomes,por favor,e descrever como elas são?

Ele soletrou os nomes para mim: senhora Eudoria Vernet Holmes, senhorita Enola Holmes (mamãe havia mostrado certa premonição quando me deu o nome de Enola, que ao contrário se lê *alone*, palavra inglesa para sozinha).

O dr. Watson disse:

– Pelo que me falaram, a garota é a mais marcante das duas. Bem alta e magra...

Eu estava tentando ganhar peso, mas até agora as tentativas haviam sido em vão, graças às sopas de cabeça de peixe e ensopados de cabeça de carneiro servidos por minha avarenta senhoria.

– ... com um rosto comprido e marcante, por assim dizer, e um tanto quanto cicerônicos nariz e queixo... Que modo delicado de dizer que eu parecia totalmente com meu irmão Sherlock. E tendo falhado em me fazer mais gordinha, eu mantinha dentro de cada bochecha um par de dispositivos de borracha cuja intenção era encher outras partes não mencionáveis das pessoas. Eles, junto às inserções nas narinas, mudavam bastante o formato de meu rosto.

– ... e com um perfil bem magro, faltando até algum char-me feminino – continuou dr. Watson. – Ela sempre demonstrou uma preferência por roupas masculinas e atividades de garotos, anda sempre com uma calça de caminhada masculina e, juntando tudo isso, logo estará totalmente perdida nesta sociedade decadente se não for encontrada com rapidez.

– E a mãe? – perguntei, de modo a mudar de assunto antes que não conseguisse mais segurar o riso.

– Sessenta e quatro anos de idade, mas com aparência consideravelmente mais nova. Fisicamente não tem nada de diferente, mas, em temperamento, tem um pensamento forte e é obstinada. Uma artista talentosa que, infelizmente, voltou suas energias para a causa dos “assim chamados” direitos da mulher.

– Oh. Ela deseja usar calças? Ele sorriu de meu aparente escárnio por tais reformas.

–
Quase isso. Ela é a favor das “assim chamadas” vestimentas racionais. –
Enão há nenhuma indicação de onde elas podem ser encontradas?

– Nenhuma. Mas, como eu dissera, acreditamos que a garota esteja em Londres. Coloquei meu lápis sobre a mesa para encará-lo.

– Muito bem, dr. Watson, informarei o dr. Ragostin sobre esses particulares. Mas devo lhe avisar que é improvável que ele pegue o caso – meu primeiro caso era uma situação impossível: encontrar eu mesma? Eu não poderia sequer pensar em tocar nele.

– E por que não? E eu já tinha pensado na resposta.

– Porque ele não se interessa em lidar com intermediários. Ele perguntará por que o sr. Sherlock Holmes não veio pessoalmente... O dr. Watson me interrompeu acaloradamente, apesar de seus sentimentos não serem direcionados a mim.

– Porque Holmes é muito reservado, muito orgulhoso. Se ele sequer me contou a razão de suas aflições, você acha que ele iria sair divulgando-as a um estranho?

– Mas um colega investigador – eu observei suavemente.

– Pior ainda. Ele se consideraria humilhado na presença de... – e, abruptamente, dr. Watson quebrou a frase e perguntou

– Por falar nisso, todos estão-se perguntando quem é este dr. Ragostin? Perdão, srta., hum...

– Meshle – pegue o nome Holmes, inverta suas sílabas – Mes hol – e então solete como se pronuncia: Meshle; absurdamente simples. Mesmo assim, ele nunca adivinharia. Ninguém adivinharia.

– Srta. Meshle. Não quero ofender, mas eu andei perguntando e ninguém ouviu falar do dr. Ragostin. Eu vim aqui apenas porque ele anuncia ser especialista em encontrar pessoas que estão desaparecidas...

Qualquer coisa que esteja desaparecida – eu interpus.

Mas não encontrei ninguém que ateste por ele.

– Porque ele está começando, assim como seu amigo há algum tempo. Dr. Ragostin ainda precisa construir seu nome. Mas você ficará interessado em saber que ele é estudante entusiasmado dos métodos do sr. Sherlock Holmes.

– Verdade? – o dr. Watson pareceu ter amolecido.

– Sim. Ele idolatra o sr. Holmes e ficará muito surpreso em saber que seu herói foi incapaz de localizar a mãe e a irmã desaparecidas.

Sentando-se para frente, como se sua poltrona houvesse, de repente, ficado desconfortável, dr. Watson limpou a garganta.

– Eu suponho – ele disse bem devagar – que deve ser porque, normalmente, Holmes não se interessa por casos como este. Ele acha que são lugares comuns e desinteressantes, e geralmente nem olha para eles. Porque ontem mesmo – Watson incluiu –, quando eu estava indo ver Holmes, estavam saindo de lá Sir Eustace Alistair e Lady Alistair, que foram implorar para que ele investigasse o paradeiro de sua filha, e ele os mandou embora com uma pulga atrás da orelha.

Eu ignorei a possibilidade de haver apenas uma pulga para a orelha de duas pessoas, porque minha atenção estava tomada pela essência do assunto.

Sir Eustace Alistair? A filha dele está desaparecida? Mas eu não vi nada nos jornais...

Eles temem que a garota tenha fugido com algum tipo de sedutor.

Eu tinha que investigar esse caso. Eu sabia que dr. Watson não me contaria mais, pois ele achava que já tinha falado demais, mas foi ele quem havia trazido meu primeiro caso, afinal. Eu encontraria a filha desaparecida do baronete.

Não parecendo tão feliz, dr. Watson se levantou; a entrevista havia chegado ao fim. Alcançando a cordinha da sineta, toquei-a para chamar Joddy, que o acompanharia até a saída.

Eu desejo encontrar o dr. Ragostin pessoalmente – disse-me dr. Watson – antes que ele tome qualquer decisão.

É claro. Qual seu endereço? Dr. Ragostin entrará em contato assim que analisar minhas anotações – eu menti. Após copiar o endereço, eu me levantei para ver meu visitante saindo pela porta.

E depois que ele saiu, sentei-me na poltrona que ele havia desocupado, perto do fogo e, paradoxalmente, comecei a tremer.



Capítulo segundo



Comecei a tremer de medo.

De meu irmão Sherlock, que eu adorava.

Ele era meu herói. Ele era meu oponente. Eu chegava bem perto de venerá-lo. Mas se ele me descobrisse, perderia minha liberdade para sempre.

Mais ainda – ele estava atormentado por minha causa?

Eu já não podia mais me convencer de não lhe ter causado nenhum mal a não ser para seu orgulho.

Mas o que fazer? Se eu desse para Sherlock Holmes uma pequena dica de que estava bem, ele a usaria de alguma forma para me encurralar.

E também tinha que pensar em mamãe. Quanto tempo mais ela tinha para aproveitar sua liberdade e felicidade, longe das restrições da propriedade e “do lugar de uma mulher”, antes que ela partisse desta vida? Em que apenas aos homens é permitido algum orgulho.

Meu outro irmão, Mycroft, tomou brevemente meus pensamentos; eu não ligava para como havia ferido seu orgulho. Apesar de ser tão inteligente quanto Sherlock, na outra noite ele mais se parecia com uma batata assada abandonada, fria e inerte. Ele não se importava tanto comigo a ponto de tentar me encontrar.

Mas havia outra coisa a ser considerada: Por que Mycroft teve dificuldades em contar sobre mim para Watson?

E se tudo isso fosse uma mentira? E se a visita de dr. Watson fosse uma artimanha, e o próprio Sherlock houvesse mandado seu amigo vir me espionar?

Não faz sentido. Meu irmão não podia saber...

Mas, no entanto, ele sabia algo que não tinha como saber: sabia que eu tinha dinheiro. E talvez ele tenha notado que o dr. Ragostin havia ficado com o escritório que pertencia à tal “vidente astral” que eu, Enola Holmes, ajudei a mandar para a prisão. E se Sherlock Holmes percebeu a conexão?

Improvável, concluí, depois de considerar essa possibilidade em minha mente. Mais provável que, se Sherlock Holmes pessoalmente mandou o dr. Watson para espionar, foi mais por curiosidade, para avaliar se o “Vidente Científico” poderia competir com ele como detetive.

Em todo caso, poderia não ser verdade que meu irmão está sofrendo?

Mas eu pude perceber nos olhos do dr. Watson que essa preocupação era genuína.

Maldição, como eu deveria saber o que fazer com essa questão de família? As levitações espirituais me pareciam um mistério bem menor.

Eu desejava poder conversar com mamãe. Entretanto, não a vejo desde o fatídico dia, em julho passado, em que ela partiu inesperadamente. Na verdade, não sabia exatamente onde ela estava. Eu só mantinha contato com ela por meio da coluna de anúncios pessoais da *Gazeta Pall Mall* (seu jornal favorito, muito mais avançado culturalmente do que o *Times*), da *Modern Womanhood*, do *Journal of Personal Rights*, e de algumas outras publicações, usando criptografias ou códigos. Por exemplo, quando achei que ela estava andando com os ciganos, coloquei o seguinte anúncio:

Meu Crisântemo: a décima primeira letra do amor verdadeiro, a quarta letra da pureza, a quarta letra da inocência, a primeira letra dos pensamentos, a quarta letra da partida e a segunda letra da fidelidade. Correto? Ivy

Crisântemo havia-se tornado nossa senha para “mamãe” e a mensagem em si se referia simplesmente a outras flores que estão em *O significado das flores*, um livro de referências que mamãe

havia-me dado, cujo simbolismo é mais conhecido pelas pessoas que trocam cumprimentos florais. Em meu anúncio pessoal – um buquê inverso por assim dizer – amor verdadeiro no lugar de não-te-esqueças-de-mim (miosótis), pureza no lugar de lírios, e assim por diante, incluindo margarida, amor-perfeito, anêmona e hera. A décima primeira letra de não-te -esqueças-de-mim é C, a quarta letra de lírio é I etc., até formar Cigana.

Em uma semana, mamãe respondeu, com um código de flores similar: “Sim. Onde você está?”

Respondi do mesmo jeito: “Londres”.

Essa foi a extensão de nossa comunicação. Eu queria muito ver minha mãe, mas ainda hesito por conta de meus sentimentos por ela, nem todos muito bons.

E nem todos muito certos, também. Entretanto, gostaria de localizá-la em meu próprio tempo e sob meus próprios termos.

Mas agora, com as tais notícias tristes sobre Sherlock... eu decidi que era necessário ser assim, tinha que colocar minhas próprias restrições de lado.

Eu queria conversar com mamãe. Eu precisava conversar com mamãe.

Mas tinha que contatá-la de um jeito mais cuidadoso.

Esperei até chegar em casa, longe de Joddy e dos outros empregados.

Embora eu pudesse ter-me refugiado nos confortáveis andares superiores do edifício gótico onde ficava o escritório do dr. Ragostin, achei mais seguro não ficar lá. Além disso, o “dr. Ragostin” alugou aqueles quartos para vários boêmios – o que ajudava a estabilizar minhas finanças –, enquanto eu encontrei um quarto bem humilde no distrito leste, onde meu irmão nunca me procuraria, pois ele jamais pensaria que sua irmã iria se aventurar em tais cortiços. Em minha residência decadente, uma casa decrépita enfiada entre dois edifícios com cor de fuligem, eu era a única inquilina. A senhoria,

uma doce e velha viúva chamada sra. Tupper, era surda e, por sorte, para que ela ouvisse alguma coisa, nós tínhamos que gritar na corneta acústica que ela segurava perto do ouvido. Portanto, ela não me fazia muitas perguntas. A única empregada era uma garota que trabalhava apenas durante o dia, e que nunca vi. Em todos os aspectos, aquele era o lugar ideal para se manter em segredo.

Entretanto, eu esperei até anoitecer, quando, segura em meu modesto quarto, confortavelmente liberada de meu corpete, do sutiã, dos babados, do cabelo falso e das inserções faciais de Ivy Meshle, relaxei perto do fogo vestindo um roupão, com meus pés para cima e enfiados em uma meia grossa para mantê-los longe das brisas geladas que passavam pelas frestas do assoalho.

Puxei uma vela para perto e comecei a compor uma criptografia para mamãe.

QUATRO CORNISOS DUAS ÍRIS TRÊS VIOLETAS E FLOR DE MACIEIRA QUANTAS SÃO?

Eu decidi que essa mensagem tinha de ser diferente e mais difícil do que as anteriores. Como meu irmão Sherlock sabia que eu tinha dinheiro? Isso me deixava muito preocupada. Já que ele sabia tanto, será que, de alguma forma, tinha decifrado uma das antigas mensagens nas “colunas agônicas” da *Gazeta Pall Mall* e as atribuído a mamãe e a mim?

Eu peguei o que havia escrito até agora e quebrei em grupos de três letras:

QUA TRO COR NIS OSD UAS ÍRI STR ESV IOL ETA SEF LOR DEM ACI EIR AQU ANT ASS AO?

Não mencionei o nome Ivy por precaução, mas esperava que, mesmo assim, mamãe reconhecesse a criptografia como sendo minha pelo código das flores. Íris simboliza uma mensagem.

Mas também – eu esperava fervorosamente que mamãe compreendesse como o código havia mudado desta vez – uma íris é

única por ter três pétalas grandes em cima e três embaixo, um corniso também é único por ter quatro pétalas, a violeta e a flor de macieira têm cinco pétalas. Eu havia mencionado a violeta porque ela representa a lealdade. Já a flor de macieira é porque, às vezes, quando eu era pequena, minha mãe cortava uma maçã ao meio para me mostrar a estrela de cinco pontas que havia no meio dela, e me explicava como a maçã e suas sementes nasciam de uma flor com cinco pétalas.

Após quebrar a mensagem, eu a inverti:

**AO? ASS ANT AQU EIR ACI DEM LOR SEF ETA
IOL ESV STR IRI UAS OSD NIS COR TRO QUA**

Franzindo a testa, eu notei o ponto de interrogação. Ele fazia com que a criptografia ficasse mais fácil de ser resolvida. Então eu o troquei pela letra que mamãe chamaria de “nula”:

**AOX ASS ANT AQU EIR ACI DEM LOR SEF ETA
IOL ESV STR IRI UAS OSD NIS COR TRO QUA**

Aí estava. Eu imaginei que mamãe resolveria isso fácil, já que não era como a primeira criptografia que ela havia-me surpreendido. Mas era apenas uma preliminar para fazer mamãe pensar no número cinco.

Assim, eu esperava que ela entendesse que alguém podia pegar o alfabeto e dividir em cinco partes:

**ABCDE
FGHIJ
KLMNO
PQRST
UVWXYZ**

E cada parte tinha cinco letras, exceto a última; mas a letra Z é usada tão raramente que tem o mesmo peso que o Y.

Então, eu escrevi a minha mensagem de verdade para mamãe. PONTE DE LONDRES CAINDO PRECISO FALAR URGENTE, e a criptografei desta forma:

P está no quarto grupo ou linha de letras e é a primeira letra do grupo: 41. O está na terceira linha e é a quinta letra: 35.

E assim por diante.

**4135344515 1415 32353414431544 131124341435
41431513244435 2111321143 51432215344515**

Eu pensei em agrupar todos os números juntos e deixar que mamãe separasse as letras depois, mas decidi deixar como estava. Ela já teria dificuldade o suficiente decifrando a criptografia (terceira letra da segunda linha, ou segunda letra da terceira linha?) e decodificando a referência à música *London bridge is falling down*, que significava que eu estava com problemas e onde gostaria de falar com ela.

A mensagem final ficou:

**AOX ASS ANT AQU EIR ACI DEM LOR SEF ETA
IOL ESV STR IRI UAS OSD NIS COR TRO QUA
4135344515 1415 32353414431544 131124341435
41431513244435 2111321143 51432215344515**

Eu a copieei várias vezes para enviá-la a diversas publicações, verificando três vezes cada cópia para ter certeza de que estavam exatamente iguais, antes de dobrar as duas pontas dos papéis até o centro e fixá-las com cera – do tipo comum, cera de vela, já que eu não tinha cera colorida para selar. Depois de endereçar o lado em branco dos papéis, eu os deixei de lado.

Amanhã eu os levarei até a Fleet Street. E até que mamãe responda, não haverá nada para fazer a não ser esperar.

Eu detesto esperar.

Com relação à filha de Sir Eustace Alistair, novamente teria de esperar. Eu não podia ir atrás desse assunto até amanhã.

Mas tinha que fazer alguma coisa antes de conseguir dormir.

Então, levantei-me da poltrona confortável, perto do fogo, e comecei a me vestir. Novamente. Mas um pouco diferente desta vez. Em vez das vestimentas de uma moça, eu coloquei uma roupa íntima de flanela que me aquecia dos pulsos até os tornozelos. E depois vesti um velho corpete que uma vez me salvou de ser apunhalada por uma faca, amarrando-o o suficiente apenas para que ficasse firme já que eu não o vestia por vaidade, mas sim por defesa. E também para me armar. Onde havia uma preparação de aço que fazia a frente do corpete ficar rígida como uma tora, eu coloquei uma adaga dentro da dobra do linho pesadamente engomado. Essa arma – de dois gumes, muito bem afiados – eu podia alcançar através de um bolso na frente do vestido que agora eu vestia: um vestido negro muito simples que eu mesma havia costurado, com a esperança de que fosse visto como o hábito de uma freira. Eu fechei meu colarinho alto, revestido com cartilagem de baleia para frustrar os cortadores de pescoço. Sobre meias grossas, vesti minhas velhas botas pretas. Finalmente, arrumei o véu negro para cobrir minha cabeça e meu rosto.

Essa era a vestimenta de minha vida noturna.



Capítulo terceiro



Suavemente deslizei para fora do meu quarto. Como era de costume, a sra. Tupper havia-se retirado mais cedo para o seu aposento, onde, mesmo que ainda estivesse acordada, a pobre alma surda não conseguiria de jeito nenhum ouvir meus passos cuidadosos ao sair. Como guardava meu hábito escondido dentro da estrutura da cama, tinha certeza de que a sra. Tupper não fazia ideia que uma segunda pessoa, por assim dizer, uma irmã de caridade um tanto sombria e noturna estava morando em seu simples quarto, com uma educada e boazinha secretária, a srta. Ivy Meshle.

Eu tinha que sentir meu caminho pela escuridão da escada, pois é claro que nesta lamentável casa, quase uma choupana, não havia instalação de gás. Tateando para encontrar o buraco da fechadura no escuro, destranquei a porta da frente com minha chave, saí, tranquei novamente a porta atrás de mim, e então me distanciei, andando o mais rápido possível para diminuir as chances de o vigia noturno descobrir onde eu morava.

Ao acaso, eu escolhia uma rota diferente da noite anterior, ou da noite anterior a esta, e andava a passos largos pelas vielas escuras e estreitas, mal iluminadas pelas lâmpadas de gás da rua. Não é para o distrito leste ter as carruagens iluminadas e os candelabros dos bem-nascidos, nem mesmo as novíssimas instalações elétricas dos mais ricos. Aqui, as luzes fracas e bruxuleantes flutuavam e quase afundavam em um mar de sujeira marrom; Londres rastejava frígida de seu próprio jeito estranho e chocante. Aqui, a friagem da meia-noite era feita de pó de chaminé, vapor de carvão, fumaça de lenha e ares doentes que surgiam do Tâmis; que estava tão gelado a ponto de congelar, mas nunca congelava, sempre ensopando as

roupas e os ossos de todos. Esse clima tão frio e pesado havia mandado todos para dentro de suas casas, pelo menos aqueles que tinham algum lugar onde se refugiar. Até mesmo nas escadarias das pensões havia vagabundos dormindo. Pobres diabos que não tinham nada para queimar e se aquecer a não ser os pequenos gravetos roubados dos lixos dos estábulos; talvez sequer sobrevivessem para ver o amanhecer.

Quando achei que já estava bem longe de onde morava, entrei em um beco escuro entre duas casas e acendi uma lamparina a óleo que havia trazido comigo. Já endurecidos pelo frio, meus dedos mal conseguiam segurar o fósforo.

Alguns poderiam imaginar por que uma jovem moça de família estaria fora de casa em tais circunstâncias. Eu mesma nunca entendi completamente porque me sentia compelida a vagar pela noite. Talvez fosse um pouco monomaníaca, sempre levada a buscar aventuras, a procurar, a encontrar. Descobrir, encontrar coisas, pessoas; e esta noite, alguém pode estar precisando de ajuda para sobreviver.

Dentro de meu hábito e por cima do pesado manto sobre ele, eu havia costurado vários bolsos fundos e os enchido de itens que talvez precisasse: tocos de vela e fósforos de madeira, dinheiro e moedas, meias, tocas e luvas de tricô, maçãs, biscoitos, uma garrafinha de conhaque. Eu carregava um cobertor feito em casa sobre um dos braços e, na outra mão, segurava a lamparina.

Vestindo luvas de lã felpudas, mantive a luz alta e comecei a vasculhar o caminho à minha frente e às minhas costas, alerta a qualquer tipo de perigo, a qualquer som de briga, gritos, ou passos atrás de mim.

Eu também tentava ouvir o som de alguém chorando.

E não demorou até que eu ouvi.

Um baixo, fraco e soluçante choro. Reflexivo, como se a pessoa houvesse desistido e estivesse chorando apenas para respirar. Guiada por aquele lamento, pois minha lanterna me mostrava apenas alguns passos adiante da rua de pedras e depois tudo era

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "O caso da senhorita canhota" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).